

País conta com apoio de Bush para dívida

O presidente Fernando Collor vai pedir a ajuda do presidente George Bush, no encontro que terão segunda-feira, para convencer os banqueiros norte-americanos a serem mais flexíveis nas negociações sobre a dívida externa. A informação é do chanceler Francisco Rezek que advertiu os banqueiros internacionais de que se eles não renunciarem temporariamente a desembolsos imediatos para o pagamento da dívida brasileira, “correrão o risco de não receber no futuro, já que estarão contribuindo para o esgotamento completo das nossas forças econômicas”.

“Um mínimo de atenção aos aspectos políticos da dívida não faria mal a ninguém”, afirmou Rezek, referindo-se à tendência dos credores privados de se concentrarem mais na questão do desembolso imediato de dinheiro, embora um exame político da questão “faria crer aos credores que eles não têm interesse absolutamente no enfraquecimento do devedor”.

Ainda que o raciocínio seja

“elementar e acessível a qualquer espírito sensato”, conforme reconheceu Rezek, é muito difícil falar sobre estas questões com os banqueiros privados. Para tanto, o Governo brasileiro espera contar com a intermediação do presidente norte-americano, cuja “confiança de estadista seria de grande utilidade se defendesse a causa brasileira”, afirmou o ministro.

TECNOLOGIA

O acesso do Brasil à alta tecnologia é outro tema prioritário da agenda de Collor com Bush. Rezek, que receberá o presidente dos Estados Unidos na Base Aérea, segunda-feira de manhã, acredita que a decisão dos presidentes Collor e Menem de aceitarem a inspeção da Agência Internacional de Energia Atômica nas instalações nucleares brasileiras e argentinas, segundo o anúncio feito quarta-feira em Foz do Iguaçu, terá desdobramentos positivos em temas sensíveis do relacionamento entre Brasil e EUA como comércio, política energética, ecologia e direitos

humanos.

Rezek negou que esses temas constituam um “contencioso” nas relações bilaterais. Segundo ele, a visita de George Bush ao Brasil poderá render “bons frutos”, especialmente no que concerne à definição da iniciativa do presidente norte-americano de criar um mercado comum no continente, conhecida como “Plano Bush”. Lançada há cinco meses, a proposta ainda não foi detalhada e tampouco se conhece o cronograma de sua implementação.

O Brasil, segundo o ministro, está interessado em que haja empenho do governo norte-americano de prestigiar igualmente os três aspectos da proposta: comércio, investimentos e dívida externa. “Preocupa-nos a possibilidade de que a questão da dívida fique empalidecida”, disse ele.

Por iniciativa do Brasil, os países do Cone Sul estão propondo aos Estados Unidos incluir também no Plano Bush a transferência de tecnologia, uma questão vital para os interesses brasileiros em diversos setores da economia.